

UM ALMOÇO HÁ 120 ANOS

PAULA MONTES LEAL*

Resumo: No dia 4 de Outubro de 1898, António Bernardo Ferreira III, filho de D. Antónia, recebia na sua quinta do Vesúvio, os participantes no 5.º Congresso Internacional da Imprensa que se realizou em Lisboa entre 26 e 29 de Setembro e que contou com a presença de 323 jornalistas de diferentes países do mundo. Após o fim dos trabalhos, houve um extenso programa social que movimentou mais de quatrocentas pessoas e que terminou com a visita à região vinhateira do Douro.

O congresso, por várias razões — entre as quais a falta de liberdade de imprensa denunciada pelos jornais republicanos —, causou algum impacto no país, o que é bem demonstrado pelo que certamente terá sido o enorme esforço logístico e financeiro (mesmo sob os padrões actuais) de trazer esse grande número de convidados desde a capital até ao norte do país.

Numa época em que as quintas do Douro não tinham fins turísticos, há uma grande modernidade neste empreendimento de António Bernardo Ferreira que tem, certamente, como objectivo divulgar os produtos da sua casa de vinhos. Mas de notar, também, o seu enorme potencial — social e financeiro — ao conseguir levar a cabo este evento na quinta do Vesúvio.

Palavras-chave: Arquivos; jornais; comboios; Vesúvio.

* CITCEM/FLUP. A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

Abstract: On October 4, 1898, António Bernardo Ferreira III, son of D. Antónia, would welcome in his quinta do Vesúvio, the participants in the 5th International Press Conference that had been held in Lisbon from September 26 to 29, with the presence of 323 journalists from different countries. After the end of the works, there was an extensive social program that displaced more than four hundred people and ended with the visit to the Douro wine region.

The Congress, for various reasons — including the lack of press freedom reported by Republican newspapers — had quite an impact in the country which is well demonstrated by what has certainly been the enormous logistical and financial effort (even under current standards) to bring this large number of guests from the capital to the north of the country.

At a time when the Douro ‘quintas’ were not intended for touristic purposes, there is a great modernity in this enterprise of António Bernardo Ferreira, which certainly has the objective of promoting the products of its wine house. But also to note its enormous potential — both social and financial — in being able to carry out this event at the quinta do Vesúvio.

Keywords: Archives; newspapers; trains; Vesúvio.

INTRODUÇÃO

No dia 4 de Outubro de 1898, por volta do meio-dia, chegava à quinta do Vesúvio o comboio especial transportando os congressistas que haviam participado no 5.º Congresso Internacional da Imprensa que se realizou em Lisboa entre 26 e 29 de Setembro. Neste evento, organizado pelo Bureau Central Directeur des Associations de Press e pela Associação da Imprensa Portuguesa, debateram-se temas quentes para o jornalismo da época, como o ensino do jornalismo, os direitos de propriedade intelectual, o direito (e a liberdade) de imprensa, a criação de carteiras de identidade dos jornalistas, as tarifas telegráficas internacionais e a criação de um tribunal arbitral internacional.

O 5.º CONGRESSO INTERNACIONAL DA IMPRENSA

Segundo o jornal «O Ocidente» de 10 de Outubro de 1898, «para o congresso, inscreveram-se em tempo oportuno, além de 47 damas de diferentes países, os seguintes jornalistas: 102 franceses, 27 alemães, 14 ingleses, 26 austríacos, 13 belgas, 8 dinamarqueses, 6 holandeses, 1 espanhol, 7 americanos, 5 finlandeses, 24 húngaros, 37 italianos, 3 noruegueses, 2 russos, 13 suecos, 1 representante do Transval, 44 portugueses. [...] Para a comissão local executiva portuguesa, na grande reunião da imprensa realizada em 11 de Julho de 1898, na Sociedade de Geografia foram eleitos os seguintes jornalistas: Presidente — Conselheiro António Enes; Vice-presidentes — Sr. A. J. Ferreira da Silva, conselheiro Luciano Cordeiro, P. W. de Brito Aranha,

Z. Consiglieri Pedroso; Secretários — J. d'Oliveira Ramos, Jaime Victor, D. Luís de Castro, Mariano Pina; Tesoureiro — Dr. Alfredo da Cunha; Delegado do Bureau — Dr. Magalhães Lima; Vogais — Abel Botelho, conselheiro A. M. Pereira Carrilho, A. X. Silva Pereira, Dr. Eduardo Burnay, Dr. Fernando Pedroso, F. Gomes da Silva, F. Teixeira Bastos, conselheiro J. d'Azevedo Castelo Branco, J. Fernandes Costa, J. J. Silva Graça, J. V. Andrade Neves, L. Mendonça e Costa, Lourenço Cayolla, Rafael Bordalo Pinheiro».

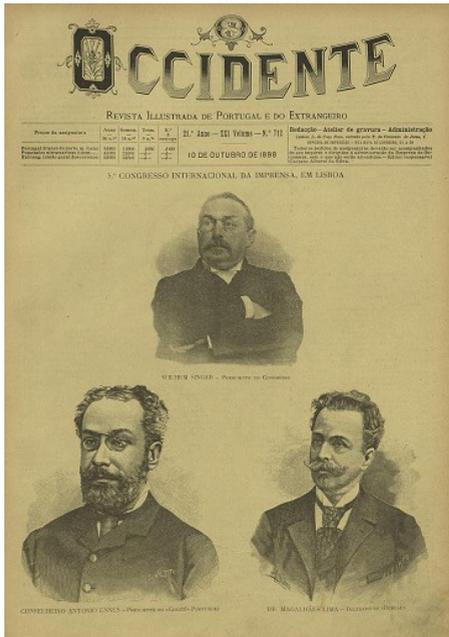


Fig. 1. «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898)

Tendo reunido centenas de jornalistas de todo o mundo, tornou-se num acontecimento nacional noticiado em todos os jornais. Os relatos são bastante pormenorizados e, independentemente da orientação política do jornal que os publica, bastante coincidentes. Concordando ou não com o que se vai passando nas sessões plenárias, os jornalistas, talvez por uma questão de respeito pelos seus colegas, não se indispõem com os congressistas. Vão expondo os seus pontos de vista, principalmente os republicanos que se queixam da censura ou das «passagens pelo Limoeiro» e, em caso de crítica, fazem-na aos organizadores do congresso, em especial ao comité organizador português. Como referia «A Voz Pública», de 28 de Setembro, que não enviou jornalistas porque sobre ele pendiam inúmeros processos: «Nós é que não podemos, por dignidade e coerência, nós, republicanos perseguidos pela monarquia, comparecer no congresso». Mas não deixou por isso este jornal de fazer uma cobertura diária do congresso e do seu programa social.



Fig. 2. «Marselheza. Semanário de caricaturas». Ano 2, 2.ª série, n.º 46 (2 Out. 1898)

No geral, os congressistas serão muito bem recebidos, dentro das possibilidades do país, e, na verdade, será ao programa social que os órgãos de comunicação irão dar mais destaque.

TRABALHOS E PROGRAMA SOCIAL DO CONGRESSO

Dizia o jornal «Vanguarda», de 26 de Setembro: «O congresso internacional da imprensa cujos trabalhos são hoje solenemente inaugurados em Lisboa, nas salas da benemérita Sociedade de Geografia, é o brilhante e condigno fecho das manifestações comemorativas do 4.º centenário da descoberta da Índia». [...] «Para a sessão inaugural foram convidados os membros do governo, do conselho de estado, das mesas dos corpos legislativos, e os corpos diplomáticos e consular, a câmara municipal, os secretários e directores gerais das secretarias de estado, os generais comandantes das diversas armas, das guardas municipais e do corpo de marinheiros, os directores das escolas superiores, as direcções das sociedades e associações científicas, comerciais e industriais, os redactores e correspondentes dos jornais nacionais e estrangeiros, a comissão do centenário, Sociedade de Geografia, etc. Os oficiais de terra e mar apresentando-se uniformizados têm entrada franca». Nota particular referia que: «Cada bilhete de convite ou de identidade (de congressista ou de sócio da Sociedade de Geografia) dá entrada até 3 senhoras da família do portador do bilhete que as acompanhem».

E «O Ocidente», de 30 de Setembro, contava como tudo se tinha passado: «À sessão de abertura assistiram todos os altos funcionários do estado e um número

considerável de jornalistas e homens de letras de todos os países civilizados. Era deslumbrante o aspecto da sala Portugal». [...] «Eram pouco mais de quatro horas quando El-Rei, ao som do hino real executado pela orquestra, deu entrada no edifício da Sociedade de Geografia». Neste pormenor, o jornal «Vanguarda», de 27 de Setembro, vai um pouco além e diz que o rei chegou «com uma pontualidade verdadeiramente inglesa, às 4 horas da tarde, como estava anunciado».

No discurso de abertura, disse o rei: «Abri, há pouco, neste mesmo local, o congresso de medicina; abro agora o da imprensa. Isto honra-me e regozija-me, porque se aquele procurava tratar do corpo, vem este agora tratar do espírito»¹.



Fig. 3. «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898)

«A Voz Pública», de 28 de Setembro, do Porto, comentava: «O Snr. D. Carlos pronunciou, em francês, um discurso felicitando os estrangeiros e dizendo que, assim como tinha estimado muito presidir a um congresso de medicina que tratava da saúde do corpo, exultava agora por presidir a um congresso de imprensa, que tratava da saúde do espírito». [...] «Desta vez, o rei D. Carlos não se felicitou “pelo estado de asseio em que se encontravam os jornalistas” mas também não disse coisa que pudessem atormentar os espíritos dominados pela eloquência real. Antes assim».

¹ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 711 (30 Set. 1898).

Como as sessões plenárias decorriam unicamente durante as manhãs, a presença dos jornalistas foi muito notada na capital, onde «grande quantidade de tipos exóticos passeiam pelas ruas atraindo as vistas, uns de grandes cabeleiras, outros com fatos excêntricos, estes de casaca, sem paletó, mas de chapéu de chuva debaixo do braço, aqueles de gravata branca e chapéu de palha...»².

Achavam os lisboetas que «pena foi que tantos estrangeiros não pudessem admirar Lisboa em época menos tristonha que esta que vem correndo. Nem o Sol tem querido tomar parte nos festejos, esse Sol de Outono sempre tão lindo, que era a melhor coisa que cá tínhamos para oferecer a esses homens, pela maior parte nascidos entre as brumas pesadas dos países do norte»³.

Mas não se pouparam a esforços para lhes proporcionar os melhores divertimentos, a começar pela recepção na Câmara Municipal na noite de 26: «À noite, uma bátega de água não afugentou o grande número de curiosos que se apinhavam na praça do Pelourinho ansiosos por ver o trabalho dos nossos bombeiros num simulacro de incêndio, espectáculo com que a câmara municipal de Lisboa brindou os nossos hóspedes, à falta de tragédias nos nossos teatros». [...] «O sarau começou às dez horas. Tocavam em diferentes salas uma orquestra... e as bandas dos bombeiros e da guarda municipal». [...] «No simulacro de incêndio não faltaram apitos aflitivos, nem pessoas salvas, nem água a valer nas bombas. O material era servido por quarenta bombeiros e cento e sessenta condutores». [...] «O que foi deveras, deveras a valer, foi uma sopaparia entre polícias e alguns bombeiros voluntários que quiseram entrar na representação, apesar das ordens em contrário que a polícia havia recebido»⁴.

Mas nem tudo foi mau e o «serviço de bufete foi profuso, abundante e delicado, fazendo honra à casa Ferrari, que dele estava encarregada». [...] «Os cartões contendo o menu, impressos na conhecida casa Estevão Nunes, eram de bom gosto e elegantes». [...] «Esta mimosa e delicada festa terminou depois da uma hora da noite»⁵.

No dia seguinte, dia 27, após a primeira sessão plenária do congresso, «ao meio dia e um quarto, partia da gare do Rocio o comboio que levava os congressistas a Sintra», onde passeariam e lhes seria oferecido o almoço. «A caminho da Pena era estonteante o aspecto da extensa fila de cerca de cem carruagens»⁶.

² «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 711 (30 Set. 1898).

³ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 711 (30 Set. 1898).

⁴ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 711 (30 Set. 1898).

⁵ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 675 (27 Set. 1898).

⁶ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898).



Fig. 4. «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898)

Foi no recinto do *lawn tennis* do castelo da Pena que se serviu o *lunch* oferecido pela Associação de Jornalistas⁷, com serviço da casa Ferrari⁸.

Na quarta-feira, dia 28, teve lugar a segunda sessão do congresso, «realizando-se depois o passeio a Belém, a ver a Torre e os Jerónimos, seguindo os congressistas depois para o palácio da Ajuda, onde as majestades deram recepção. À noite realizaram-se as iluminações em Cascais, a que foram assistir os congressistas, excursão que muito agradou. Na esplanada fronteira à cidadela foi servida uma abundante ceia»⁹.

No dia seguinte (quinta-feira, 29) realizou-se a sessão de encerramento do congresso e, de tarde, a corrida de touros no Campo Pequeno que «dedicada aos congressistas mereceu lisonjeiro apreço»¹⁰. Os congressistas «gostaram geralmente do espectáculo, e aqueles que já viram as corridas de touros em Espanha, dizem que as nossas são muito superiores, pois aqui há a menos o espectáculo nojento do extripamento dos cavalos!»¹¹.

⁷ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.610 (28 Set. 1898).

⁸ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 676 (28 Set. 1898).

⁹ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898).

¹⁰ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898).

¹¹ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 674 (26 Set. 1898).

Segundo «O Ocidente», de 10 de Outubro, «sexta feira 30 foi o dia destinado à excursão a Tomar, onde no claustro do convento de Cristo se realizou um delicado almoço¹², visitando depois os congressistas a grande fábrica de fição» [...] «À noite teve lugar a récita de gala no teatro D. Amélia, a que concorreram grande número de congressistas». E o jornal «Vanguarda», de 27 de Setembro, dizia: «Está escolhida para essa noite de festa a brilhante comédia de Gervásio Lobato “O comissário de polícia”, desempenhado por um dos nossos primeiros artistas, o notável cómico Vale».

Também nesse teatro estive em exposição «a jarra Beethoven»¹³, que tão ariscadamente fez viagem desde a fábrica das Caldas da Rainha, até ao *foyer* do teatro D. Amélia, e pode felizmente ser admirada pela maior parte dos congressistas.

¹² Neste almoço se dará um desacato só referido no dia em que os jornalistas chegam ao Porto e que nos vai dar a conhecer a que será, talvez, a personagem mais inesperada deste congresso: Mme. Sorgue. A primeira notícia é dada por «A Voz Pública», a 4 de Outubro, que, de forma incrédula, conta que, «conjuntamente com outros congressistas, chegou ontem a esta cidade, no comboio da manhã, a talentosa escritora e dedicadíssima socialista, Mademoiselle Sorghe [sic], acompanhada do socialista lisbonense snr. Azedo Gneco» e que ao chegar a Campanhã foi convidada pelo cabo Lebreiro a acompanhá-lo ao comissariado da polícia, onde ficou detida no gabinete do inspector Feijó, protestando sempre, sem conhecer os motivos da sua detenção. Horas depois, o comissário geral da polícia informou-a que seria libertada desde que seguisse para Lisboa ou para França. Foi aconselhada por vários a ir para Lisboa, o que acabou por aceitar. Ao fim da tarde foi levada à estação das Devesas onde apanhou o comboio para Lisboa, em 1.ª classe, sempre acompanhada por um guarda. Quem era então Mme. Sorgue? De seu nome Antoinette Cauvin (de solteira, Durand de Gros), também conhecida por Madame Sorgue ou cidadã Sorgue (1864-1924), era conhecida pela polícia como «Madame Sarilhos», «A mulher mais perigosa da Europa», ou «A bela anarquista». Foi uma activista socialista revolucionária e feminista que teve um papel importante na Europa. Veio ao Congresso a convite de Magalhães Lima, que havia entrevistado em Paris e cujos ideais socialistas lhe tinham agradado. Em Lisboa, a sua presença foi noticiada nos jornais, tendo sido recebida sem problemas no Centro Socialista de Lisboa e na Associação dos Condutores e Cocheiros de Viação Lisbonense. Conta «A Voz Pública», de 5 de Outubro, que, contudo, durante o congresso ficou desiludida — tal como outros jornalistas independentes — pela submissão dos congressistas ao bureau e a «enfadonha série de brindes e discursos em honra do chefe de Estado»... Chegou mesmo parecer-lhe ver Magalhães Lima a aplaudir o discurso do rei. E ficou muito irritada porque não foi aceite apresentar um voto de simpatia pelos jornalistas italianos presos. No almoço de Tomar, quando Magalhães Lima agradeceu aos industriais, Mme. Sorgue sugeriu que ele brindasse também aos operários e aos socialistas portugueses... Não se sabe o que ele disse mas o «facto é que Mme. Sorgue, dirigindo-lhe, a propósito várias censuras, arremessou-lhe o copo de champanhe, que deu levemente, no braço de uma senhora bastante nutrida, cremos que Mme. Bataille, esposa do sr. Bataille, do Figaro». De regresso a Lisboa, Mme. Sorgue recolheu-se ao hotel. O Bureau resolveu riscá-la da lista dos congressistas e proibir a sua entrada na Sociedade de Geografia. Contudo, o secretário-geral da sociedade, Luciano Cordeiro, fez saber que, em sua casa, quem dava ordens era ele e «que Mme. Sorgue poderia entrar quando quisesse nas salas da Sociedade». O juiz Veiga chamou «Madame Sarilhos» ao Governo Civil mas não teve motivo para a prender pois tinha todos os documentos em ordem. Deixou, portanto, o odioso da questão para a cidade do Porto dando ordem para a sua prisão, à chegada, sob suspeita de poder vir a causar desacatos. Diz o jornalista da «Voz Pública»: «Vergonha de um congresso de imprensa terminar com a prisão de um jornalista!».

¹³ A jarra Beethoven foi encomendada em 1895 por José Relvas a Bordalo Pinheiro para decorar a sala de música de sua quinta dos Patudos, em Alpiarça. Sabendo que Relvas era violinista amador, fã de Beethoven e colecionador de arte, Bordalo Pinheiro tentou criar um objecto de arte para embelezar um ambiente de salão. Mas a jarra concebida é um monstro de 2,6 metros de altura e não cabe na sala... Assim ficou sem lugar, começando o seu percurso até encontrar um local que a acolhesse como arte decorativa. Bordalo tentou expô-la ao público para conseguir um comprador e por isso o jardim de Inverno do Teatro D. Amélia se torna no espaço onde a jarra pode ser admirada, coincidindo com as festividades do 5.º Congresso. Apesar dos elogios da imprensa portuguesa, não foi vendida. Passou a ser considerada maldita e designada por «a criatura». Em 1899, foi para o Brasil. Foi rifada, mas não houve sorteado. Perante a dificuldade do transporte, Bordalo preferiu deixá-la com o Dr. João do Rego Barros que acabou por a doar ao Estado brasileiro. Actualmente encontra-se no Museu Nacional de Belas Artes, quase esquecida num canto.

«Devem esses estrangeiros ter levado de Portugal a opinião de um alto grau de adiantamento das artes entre nós». [...] «É que raras coisas tão formosas nos tem dados aos olhos para seu encanto a arte portuguesa»¹⁴.



Fig. 5. MALTA, 2010: 135-150

No sábado, 1 de Outubro, ainda se realizou o passeio fluvial no Tejo «a bordo do transporte África. O embarque foi no Arsenal da Marinha às 2 da tarde em número superior a 400, conduzidos nos rebocadores Operário e Trafaria». [...] «O passeio durou até às 5h da tarde sendo servido champanhe e doces»¹⁵.

À noite teve lugar o banquete em S. Carlos que foi «o digno remate das festas de Lisboa em honra dos congressistas». [...] «Os camarotes regurgitavam de famílias que desejavam assistir àquela festa, embora não podendo acompanhá-la senão com a vista». As mesas «ocupavam toda a extensão do palco e da plateia. O número total de lugares era de 376, não chegando a preencher-se todos em consequência de se terem retirado já alguns jornalistas»¹⁶.

O jantar foi «fornecido pela casa Isidro. O menu para o jantar achava-se impresso nuns elegantes cartões, sendo este trabalho executado pela acreditada casa Libânio da Silva. O desenho que serve de tarja ao menu é característico e de bom efeito, recordando o velho estilo arquitectónico dos nossos mais notáveis monumentos históricos»¹⁷.

¹⁴ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 713 (20 Out. 1898).

¹⁵ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.614 (2 Out. 1898).

¹⁶ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898).

¹⁷ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 680 (2 Out. 1898).

No domingo, dia 2, deu-se a partida para o Porto, «servindo-se o almoço na gare da estação da Pampilhosa, artisticamente ornamentada para esse fim»¹⁸. O serviço deste almoço foi «adjudicado ao conhecido e hábil e industrial [sic] mr. Paul Bergamin, proprietário dos *restaurants* [sic] do Bussaco e Pampilhosa»¹⁹. «A mesa, circundando a estação, tinha a forma de C. Havia lugar para 300 talheres; almoçaram porém só 193 pessoas»²⁰.

O jornal «Vanguarda» comentava: «Na Pampilhosa tiveram o ensejo de admirar a cordura²¹ do nosso povo. Um grandessíssimo número de pessoas estiveram ali assistindo com toda a placidez ao almoço... Muitas senhoras estiveram assistindo ao espectáculo de dentro de carruagens ali postadas». [...] «Diante de tanto sossego e cordura muitos dos congressistas não puderam deixar de confessar que lá fora, em igualdade de circunstâncias, seria preciso uma grande força de polícia para conter o povo que, ao ver tanta gente junta a comer não se resignaria a ser simples espectador...»²².

Ao contrário do que estava anunciado, a maior parte dos congressistas chegou a Campanhã às 4h30 da tarde, tendo sido recebidos por «João de Oliveira Ramos, presidente da Associação de Jornalistas Portuenses; Lima Júnior, presidente da Câmara Municipal; conselheiro Venceslau de Lima²³, representante da casa Ferreirinha; Pedro de Araújo; Justino Teixeira, diretor dos caminhos de ferro do Minho e Douro; conselheiro Ferreira de Lina, governador civil substituto...»²⁴. Ao que é relatado, o comboio chegou antes do previsto, que era às 6 horas, altura em que chegaram a banda e outros convidados.

«Um carro americano e alguns trens alugados pelos congressistas conduziram estes aos hotéis. A pouca concorrência causou desapontamento», referia o jornal «Vanguarda», de 3 de Outubro.

¹⁸ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898).

¹⁹ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 676 (28 Set. 1898).

²⁰ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 681 (3 Out. 1898).

²¹ Tolerante; cordato ou cordo.

²² «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 682 (4 Out. 1898).

²³ Venceslau de Lima era casado com uma neta homónima de D. Antónia (Antónia Adelaide Ferreira), filha de António Bernardo Ferreira III (o dono da quinta do Vesúvio). Era Doutorada em Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra (1882) e especialista em Geologia e Paleontologia e lente da Academia Politécnica do Porto (desde 1882). Foi deputado pelo Partido Regenerador (1882-1893 e 1896-1897), Par do Reino (1901-1910), Governador Civil dos distritos de Vila Real (1884-1885), Coimbra (1891-1892) e Porto (1900-1910), Presidente da Câmara Municipal do Porto (1896-1898; 1900-1901), Ministro dos Negócios Estrangeiros (1903-1904, 1906 e 1908-1909) e Presidente do Conselho de Ministros (1909). Venceslau de Lima era um dos homens mais influentes do seu tempo, tanto no Porto como na capital, sendo íntimo da Casa Real. Provavelmente a ele se deve a escolha da quinta do Vesúvio para a visita dos congressistas. À data do congresso estava fora da presidência da câmara, ocupando o lugar de director da recém-criada Companhia Agrícola e Comercial dos Vinhos do Porto (antiga Casa Ferreirinha), lugar que só abandonaria em 1909, quando chamado por D. Manuel II para presidir ao governo (cf. PEREIRA, 2016).

²⁴ «A Nação». Ano LII, n.º 12.790 (4 Out. 1898).

Os congressistas ficaram «assim distribuídos: — Grande Hotel do Porto, 43; — Grande Hotel de Paris, 20; — Francfort, 39; — Novo Lisbonense, 5; — Central, 9; — Cyrne, 2; — Universal, 4; — Continental, 20; — América, 21; — e Reimão, 14. Os restantes hospedaram-se em casas particulares»²⁵.

No dia seguinte, dia 3 de Outubro, «às 10 e meia os congressistas visitaram o palácio da Bolsa, onde houve recepção muito concorrida e animada, vendo-se ali grande número de damas»²⁶. Também compareceram «autoridades militares e civis, presidente da câmara e alguns vereadores, representantes das associações União dos Industriais do Norte, Centro Comercial, Ateneu, Associação Comercial, Associação Industrial e muitos jornalistas portuenses. No pátio interior tocava a banda do regimento de infantaria n.º 18»²⁷.

Terminada a recepção na Bolsa, «dirigiu-se a numerosa comitiva para Vila Nova de Gaia, visitando os armazéns do snr. Andresen, bem como as tanoarias do mesmo senhor. Em um dos compartimentos de um dos armazéns foram servidos aos congressistas vinhos velhos, entre outros das seguintes marcas: *Lacrima Christi*, *Seco doce*, *Velho seco*, *Moscatel rico*, *Velhíssimo 'non plus ultra'*, *Bastardo*, etc.»²⁸.

Depois desta visita, os congressistas seguiram para os armazéns da «Companhia Vinícola». [...] «Ali, no andar superior dos grandes armazéns foi servido um profuso *lunch* fornecido pela confeitaria Oliveira, da praça Carlos Alberto»²⁹. «O *menu* foi escolhido, tendo um verdadeiro sucesso os vinhos da Companhia, em especial o champagne e vinho de 1800»³⁰.

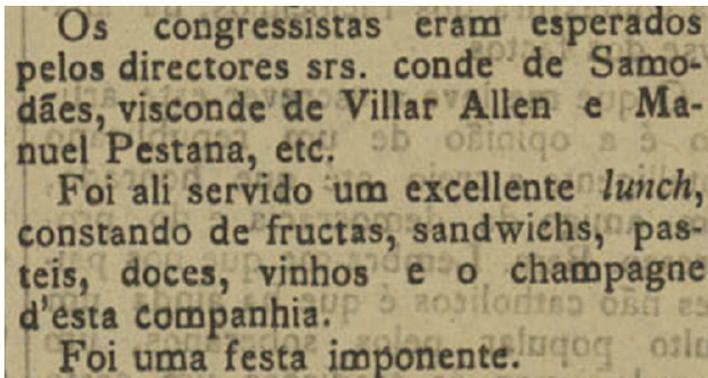


Fig. 6. «A nação». Ano LII, n.º 12.791 (5 Out. 1898)

²⁵ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).

²⁶ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 682 (4 Out. 1898).

²⁷ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).

²⁸ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).

²⁹ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).

³⁰ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 682 (4 Out. 1898).

Relata «A Nação», de 5 de Outubro: «Findo o *lunch* a que assistiram mais de 500 pessoas, visitaram os congressistas todos os armazéns, a garrafeira, as oficinas de encaixotamento e engarrafamento, o grande túnel onde se fabrica o Champanhe, e que estava todo iluminado a velas, produzindo um efeito fantástico». [...] «Depois da visita, que foi demorada, a todas as dependências dos armazéns, seguiram na maior parte os congressistas, cerca das 3 horas da tarde, para a margem esquerda do Douro, embarcando ali cerca de 200 pessoas, em frente à lingueta da Cruz». [...] «Às 4 horas menos 5 minutos largou da margem de Gaia o vapor *Tritão*, e 10 minutos mais tarde o *Mariano de Carvalho*» que ficou à espera de congressistas atrasados.

Grande número de congressistas e outros convidados foram, assim, conduzidos até Leixões, «gastando a viagem 40 minutos. A travessia fez-se sem novidade, pois que o mar estava calmo e a tarde magnífica. Às 5 horas menos 10 minutos, desembarcaram os congressistas e mais convidados no posto de serviço, tomando em seguida os trens que os estavam esperando em Leça e Matosinhos»³¹.

Os congressistas chegaram às 18 horas aos hotéis «para fazer a toilette para a noite»³².

E, assim, no dia 3 de Outubro, «às 8 horas e alguns minutos da noite começou o banquete dado em honra dos congressistas»³³.

A 30 de Setembro, dizia «A Voz Pública»: «A mesa que está sendo montada na nave central do Palácio de Cristal para o banquete de homenagem aos congressistas» [...] «é sub-dividida em três longas mesas que começam junto ao palco, estendendo-se paralelamente até defronte das escadas de acesso para as galerias, e são ligadas na cabeceira superior por uma quarta mesa». [...] «Nas galerias da nave terão ingresso as pessoas que desejem assistir ao banquete, sendo os bilhetes de admissão do preço de 200 réis cada».

No dia da festa, «as mesas não estavam com todos os lugares ocupados, em razão de não chegar ao Porto senão um número limitado de congressistas. Além destes e dos representantes da imprensa da capital do Porto [sic], eram convivas os vereadores do município, os membros das associações Comercial e Industrial, autoridades civis, etc., vendo-se também no recinto onde se realizava o banquete alguns oficiais do exército de terra e mar. No palco da nave central uma banda de música executou trechos de várias operetas e zarzuelas conhecidas». [...] «As galerias estavam repletas de senhoras, vendo-se na nave central muitas pessoas que aí assistiram à festa»³⁴.

«Mas onde toda esta série de festas teve o seu termo primoroso foi na excursão à região vinícola do Alto Douro, e no almoço na quinta do Vesúvio, oferecido pelo Sr. António Bernardo Ferreira, opulentíssimo proprietário daquela região», afirmava «O Ocidente», de 10 de Outubro.

³¹ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).

³² «A Nação». Ano LII, n.º 12.791 (5 Out. 1898).

³³ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).

³⁴ «A Voz Pública». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).



Fig. 7. A nave do Palácio de Cristal montada para o jantar oferecido aos congressistas
Foto de Aurélio Pais dos Reis. Centro Português de Fotografia, PT/CPF/APR/001-001/001010

VISITA AO ALTO DOURO E ALMOÇO NA QUINTA DO VESÚVIO

A partida para a quinta do Vesúvio realizou-se às 7 horas da manhã. «A direcção dos caminhos de ferro teve a amabilidade de pôr à disposição dos excursionistas 7 salões de luxo, 7 carruagens de 1.ª classe e uma de 2.ª. Tocava a banda de Infantaria 6. Acompanharam os congressistas os presidentes da câmara e associações, indo também damas e cavalheiros portugueses». Houve paragens em algumas estações. No Moledo, o comboio especial passou às 10 da manhã. «Não houve paragem; todavia os hóspedes do hotel Gomes fizeram entusiástica ovação e deitaram-lhes flores. Todo o prédio e quintal do hotel estavam embandeirados»³⁵.

O comboio dos congressistas e convidados, levando cerca de quatrocentas pessoas, «chegou à quinta do Vesúvio depois do meio dia, tendo os excursionistas recepção festiva não só por parte do Sr. António Bernardo Ferreira, filhos e genro, como pelos aldeões que ali apareceram, com suas festas características». [...] «Após a troca de cumprimentos cordiais, os congressistas e convidados inscreveram os seus nomes em folhas soltas, que constituem uma recordação da visita dos membros do congresso internacional da imprensa»³⁶.

³⁵ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 683 (5 Out. 1898).

³⁶ «O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898).



Fig. 8. *Aspecto da recepção aos congressistas, à chegada à Quinta do Vesúvio*
Fotografia de Aurélio Pais dos Reis. Centro Português de Fotografia, PT/CPF/APR/001-001/000655

Também «D. Antónia Ferreirinha³⁷ brindou aos congressistas e à imprensa portuguesa, e António Bernardo Ferreira deu as boas vindas aos congressistas, regozijando-se pela sua presença em nome do Douro. Consiglieri Pedroso saudou Bernardo Ferreira pelo acolhimento feito e pela compreensão que revela nitidamente das vantagens da vinda dos congressistas. Simões Marziochi falou dos vinhos do Porto que os congressistas apreciaram, pedindo aos jornais estrangeiros que defendam o estatuto nas convenções internacionais sobre as marcas dos vinhos, para não haver contrafacções pois nós éramos tão correctos que não chamávamos champanhes aos vinhos espumosos»³⁸.



Figs. 9 e 10. *Os convidados junto à capela da quinta do Vesúvio.* Fotografias de Aurélio Pais dos Reis. Centro Português de Fotografia, PT/CPF/APR/001-001/008832 e PT/CPF/APR/001-001/000654

³⁷ O jornalista está a referir-se à neta de D. Antónia, com quem era casado Venceslau de Lima (D. Antónia tinha morrido em 1896).

³⁸ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 683 (5 Out. 1898).

A descrição que se segue é do jornal «Vanguarda», de 6 de Outubro:

Finda a recepção seguiram todos os visitantes para o vasto armazém dos lagares, onde foi servido o lunch. O arruamento que conduz para ali achava-se ornamentado com mastros e bandeiras e no átrio desse armazém, que também estava embandeirado, viam-se, formando colunatas, pipas ornamentadas com instrumentos da viticultura. As paredes exteriores apresentavam, entre coroas de verdura, os nomes das diversas nações.

À passagem dos convivas para o armazém, um grupo de aldeãos e aldeãs, ao som de guitarras e de outros instrumentos dos seus característicos lugares, dançava alegremente e a banda de infantaria 6 rompeu com o hino nacional.

Para o amplo salão, onde se acham instalados os lagares, dá ingresso uma escada, partindo da adega que lhes fica adjunta, em pavimento inferior e onde estão 20 tonéis de 26 a 30 pipas cada um.



Fig. 11. Os lagares decorados, antes da chegada dos convidados. Sentado à mesa parece estar António Bernardo Ferreira IV, filho do anfitrião. Autor desconhecido. Arquivo da Quinta do Vallado

Fig. 12. O almoço nos lagares. Fotografia de Aurélio Pais dos Reis. Centro Português de Fotografia, PT/CPF/APR/001-001/000660

Já há dias fizemos uma referência à ornamentação da casa dos lagares. De novo dela nos ocuparemos. Esse amplo salão foi magnificamente disposto para o lunch, ligando-se os lagares por meio de estrados de madeira, com escadas. As mesas estavam formadas dentro desses enormes recintos, a todo o comprimento da casa e em duas filas. O tecto e as paredes revestiam-se de heras, parreiras e palmas, e espalhados artística e vistosamente viam-se diversos instrumentos de viticultura e aparelhos para combater os flagelos da videira, tais como: pulverizadores, enxofreadoras, injectores de sulfureto, e bem assim muitas marmitas dos trabalhadores. As mesas distintamente dispostas e ornamentadas com palmeiras, contribuíam também para o realce de todo o conjunto.

Sobre o almoço, houve diversos comentários:

— «Era 1 da tarde quando principiou o *lunch*...»³⁹.

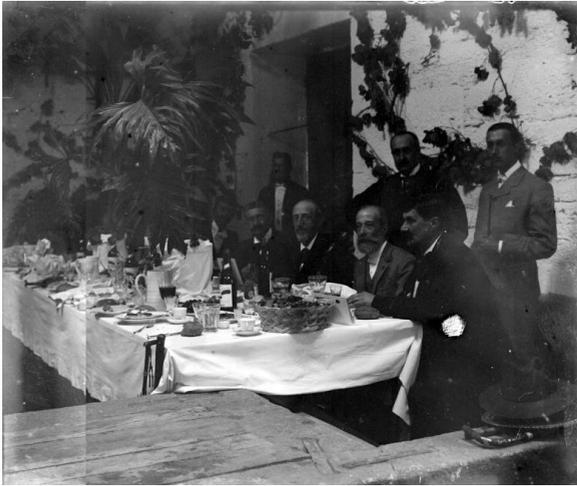


Fig. 16. Mesa principal do almoço, vendo-se Venceslau de Lima, em pé, atrás de António Bernardo Ferreira III, sentado. Fotografia de Aurélio Pais dos Reis. Centro Português de Fotografia, PT/CPF/APR/001-001/000663

— «Foi bom o *lunch*, servido pelo hotel Paris⁴⁰, do Porto. Os vinhos, finíssimos, eram de 1815 a 1875»⁴¹.



Fig. 17. Rótulos dos vinhos servidos no almoço de 4 de Outubro. Arquivo Histórico da Casa Ferreirinha

³⁹ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 684 (6 Out. 1898).

⁴⁰ O menu refere mais concretamente que «O almoço foi servido sob a direcção do Sr. Aufrère, proprietário do Hotel Paris, no Porto». Com efeito, o Joseph Aufrère é, desde 1888, o dono do Hotel de Paris. O Grande Hotel de Paris tem uma história muito interessante e no seu livro de hóspedes há nomes como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro e Bordalo Pinheiro. Neste momento, é o mais antigo estabelecimento hoteleiro ainda em funcionamento da cidade do Porto, tendo sido inaugurado em 27 de Novembro de 1877. Fica na Rua da Fábrica, uma rua recatada mas central, estreita e inclinada, que parte da Praça da Liberdade e chega até à Praça de Carlos Alberto. Antigamente, era uma rua das mais movimentadas da Baixa, com livrarias, tipografias, bazares e cafés. Da rua, passa completamente despercebido, tendo unicamente uma discreta placa com a inscrição do seu nome. Em 2017 foi comprado pela Stay Hotels mas mantém as suas características centenárias. Até ao final dos anos 80 do século XX, o seu restaurante era famoso, tradição que ficou, talvez, por herança do Sr. Aufrère.

⁴¹ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 683 (5 Out. 1898).

Também o menu foi amplamente descrito: «O *menu* achava-se em um distinto e vistoso *carnet*, no rosto do qual avultava uma cromotipogravura do palacete da quinta e o brasão da família; no verso, via-se um trecho de uma referência feita à quinta do Vesúvio pelo Visconde de Villa Maior, no seu *Douro Ilustrado*; a página seguinte tinha como ornamentação uma parreira e cachos de uvas, com o *menu* do *lunch* impresso ao centro, e na última página via-se em fotografatura uma vista de grande parte desta importante quinta. Este trabalho foi executado nas oficinas de cromotipia do Comércio do Porto»⁴².



Fig. 18. Menu do almoço oferecido por António Bernardo Ferreira III aos participantes no 5.º Congresso Internacional da Imprensa, na quinta do Vesúvio, a 4 de Outubro de 1898. Arquivo da Quinta do Vallado

Finda a recepção, comenta «O Ocidente», de 10 de Outubro: «Diversão encantadora a todos os respeito, coroou ela devidamente a requintada hospitalidade de que Portugal deu provas incontestes. Às festas em honra dos congressistas associaram-se brilhantemente o comércio e a indústria demonstrando a sua activa vitalidade».

Chegada a hora de partir, «Às 3 e 30 os estrangeiros seguiram para Salamanca em carruagens de 1.ª classe. Às 4 e 20 foi a partida para o Porto, em carruagens salões»⁴³.

⁴² «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 684 (6 Out. 1898).

⁴³ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 683 (5 Out. 1898).

Neste pormenor podemos aperceber-nos do impacto que o caminho-de-ferro tinha causado, alterando «o conceito de viagem no País, acelerando-o, contribuindo nesta medida para uma mudança nos hábitos comerciais, culturais e de lazer dos portugueses e nas suas próprias mentalidades. Simultaneamente, a ferrovia daria outras conotações ao conceito a nível político, militar e das relações com o estrangeiro». Apesar do receio inicial, «Com o passar dos tempos, iam-se desacreditando as notícias que diziam que *quem não viajasse à janela dos compartimentos morderia abafado e quem viajasse mais de meia hora ficaria em estado sonâmbulo*» (PEREIRA, 2010: 25-40). «Em 1896, com o grosso da rede já construído, a maior velocidade média que se atingia era de 30 km/h na Linha do Norte e na Linha do Minho». Contudo, embora não fosse grande a velocidade (havia notícias de caminhos-de-ferro no estrangeiro que viajavam à estonteante velocidade de 60 km/h) a verdade é que, como refere Hugo Silveira Pereira, «de facto as viagens a longa distância deixaram de ser medidas em dias, para passarem a ser medidas em horas». Relativamente ao congresso de 1898, apesar das queixas de alguns dos estrangeiros por atrasos sofridos quer nas viagens, quer na entrega do correio,

Os discursos haviam encerrado com «o ilustre escritor Jules Claretie», que terminou dizendo: «O congresso fez com que a Europa descobrisse Portugal e Portugal conquistasse a Europa»⁴⁴.



Fig. 19. Casa da quinta do Vesúvio vista da linha do caminho-de-ferro.
Foto de Alberto Cerqueira, s/d
Arquivo Histórico da Casa Ferreirinha, Álbum 5 – Quintas, Foto 147

CONCLUSÃO

Quando nos deparámos com este documento, no decurso da organização do arquivo da quinta do Vallado, foi a casualidade da data coincidir com a realização do nosso *workshop* que nos levou a escolhê-lo como tema para a comunicação. O documento, em si, era suficientemente motivante para início de pesquisa pelo seu *design*, pela apresentação descritiva dos pratos e dos vinhos servidos... Contudo, despertou-nos imediatamente o interesse por maior conhecimento do V Congresso e pelo Hotel Paris e por aí enveredámos o trabalho. Não esperávamos, porém, encontrar tanta informação detalhada que nos permitisse acompanhar os congressistas no seu percurso até à quinta do Vesúvio, nem a descoberta de histórias associadas como a de Mme. Sorgue ou da jarra Beethoven, nem a necessidade de procurar a história do caminho-de-ferro para perceber que, afinal, tinha sido mais simples a viagem em 1898 do que seria actualmente.

o fantástico é que uma coisa impensável hoje em dia aconteceu: 400 pessoas viajaram, sem problemas, do Porto para o Vesúvio, em menos de 5 horas e daí seguiram, descansadamente, para os seus países na Europa.

⁴⁴ «Vanguarda. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 683 (5 Out. 1898).

Mas foi um exercício interessante constatar como um simples documento pôde levar à descoberta de tanta informação sobre vários assuntos e conseguiu estabelecer relações entre diferentes arquivos — Vesúvio, Ferreira, Vallado, Symington e, mesmo, Centro Português de Fotografia — onde se foi recuperar documentação complementar.

Assim, partimos, enquanto arquivista, desse inspirador documento inicial que nos impeliu, na perspectiva histórica, a explorar as inúmeras possibilidades reveladas do seu cruzamento com outras fontes, designadamente, fotografias e imprensa da época. Este processo de utilização sucessiva e articulada das diversas fontes e documentos encontrados levou-nos para o campo da micro-história, com as suas propostas de redução da escala de análise, descrição da realidade social mais detalhada e maior exploração do objeto de estudo, que permitem que as experiências individuais, concretas e locais ganhem relevo e relação com o global⁴⁵. Prosseguindo nesta muito breve incursão no campo da micro-história (dando particular relevo aos historiadores Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Edoardo Grendi), poderemos considerar termo-nos assim aproximado do que Grendi designou como «excecional normal», um conceito com dois significados: «o primeiro refere-se ao documento que é aparentemente excepcional, mas que se constitui como uma prática comum no cotidiano social; e o segundo é o documento que é, por si, excepcional, o que pode dar conta de uma norma do cotidiano social»⁴⁶.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

«A CORJA! Semanário de caricaturas». Ano 1, n.º 15 (29 Set. 1898).

«A CORJA! Semanário de caricaturas». Ano 1, n.º 16 (9 Out. 1898).

«A NAÇÃO». Ano LII, n.º 12.784 (27 Set. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.785 (28 Set. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.786 (29 Set. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.787 (30 Set 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.788 (1 Out. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.789 (2 Out. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.790 (4 Out. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.791 (5 Out. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.792 (6 Out. 1898).

«A NAÇÃO ». Ano LII, n.º 12.793 (7 Out. 1898).

«A VOZ PÚBLICA». Ano 9, n.º 2.610 (28 Set. 1898).

«A VOZ PÚBLICA ». Ano 9, n.º 2.612 (30 Set. 1898).

«A VOZ PÚBLICA ». Ano 9, n.º 2.614 (2 Out. 1898).

«A VOZ PÚBLICA ». Ano 9, n.º 2.615 (3 Out. 1898).

«A VOZ PÚBLICA ». Ano 9, n.º 2.616 (4 Out. 1898).

⁴⁵ REVEL, *org.*, 1998.

⁴⁶ CARDOSO, 2010: 31-46.

- «MARSELHESA. Supplemento de caricaturas». Ano 2, 2.^a série, n.º 46 (2 Out. 1898).
- «MARSELHESA. Supplemento de caricaturas». Ano 2, 2.^a série, n.º 47 (9 Out. 1898).
- «O TIRO CIVIL. O órgão do sport nacional». Ano IV, n.º 147 (1 Out. 1898).
- «O OCIDENTE. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 711 (30 Set. 1898).
- «O OCIDENTE. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 712 (10 Out. 1898).
- «O OCIDENTE. Revista ilustrada de Portugal e estrangeiro». 21.º ano, 21.º volume, n.º 713 (20 Out. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 674 (26 Set. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 675 (27 Set. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 676 (28 Set. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 677 (29 Set. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 678 (30 Set. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 679 (1 Out. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 680 (2 Out. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 681 (3 Out. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 682 (4 Out. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 683 (5 Out. 1898).
- «VANGUARDA. Diário republicano da manhã». Ano III, n.º 684 (6 Out. 1898).

BIBLIOGRAFIA

- BALLESCARRED (2011) — *Cauvin (nee Durand de Gros), Antoinette aka Madame Sorgue 1864-1924*. Disponível em <<https://libcom.org/history/cauvin-nee-durand-de-gros-antoinette-aka-madame-sorgue-1864-1924>>. [Consulta realizada em 01/10/2018].
- BESSA, Alberto (1898) — *A Associação da Imprensa Portuguesa no 2.º ano da sua existência*. Lisboa: Associação da Imprensa Portuguesa/Tipografia de «O Expresso».
- CARDOSO, José Carlos da Silva (2010) — *Reflexões sobre a abordagem macro e micro na História*. «MNEME – Revista de Humanidades», vol. 11, n.º 28 (Ago.-Dez.), p. 31-46. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1045>>. [Consulta realizada em 01/10/2018].
- CUNHA, Alfredo da (1941) — *Jornalismo nacional: das malogradas associações de imprensa à alvitrada Ordem dos Jornalistas Portugueses*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Jornalistas, 1941. Separata do «Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas», n.º 2 (Jun.).
- FÉLIX, Octávio M. (2011) — *Grande Hotel de Paris. Uma história no Porto*. Porto: Edições Afrontamento.
- LEAL, Paula Montes (2018) — *Entre o Arquivo Histórico da Casa Ferreirinha e os Symington Family Archives: Os documentos da Quinta do Vesúvio*. In LAGE, Otilia, coord. — *Alto Douro e Ilha do Pico, paisagens vinhateiras culturais património mundial em perspectiva multifocal: experimentação comparada*. Porto: CITCEM.
- MALTA, Marize (2010) — *Jarra Beethoven e a incrível história de uma imagem-problema*. «ArtCultura, Uberlândia», vol. 12, n.º 20 (Jan.-Jun.), p. 135-150.
- PEREIRA, Gaspar Martins; OLAZABAL, Maria Luísa (1996) — *Dona Antónia*. Porto: A. A. Ferreira/BPI.
- PEREIRA, Gaspar Martins (2009) — *Os caminhos-de-ferro do Douro: história e património*. Texto escrito para a exposição de fotografia «Le train au Portugal» de Dario Silva e Alberto Aroso, patente no Espace Jacques 1^{er} d'Aragon (Montpellier, França) entre 25 de Abril e 7 de Maio de 2009. Disponível em <<http://www.ocomboio.net/pages/expofotografia.html>> ou pdf em <<http://www.ocomboio.net/PDF/montpellier/portugais/gasparmartinspereira.pdf>>. [Consulta realizada em 01/10/2018].

- PEREIRA, Gaspar Martins (2016) — *Quinta do Vallado – 300 anos no coração do Douro*. [S. l.]: Quinta do Vallado.
- PEREIRA, Hugo Silveira (2010) — *As viagens ferroviárias em Portugal (1846-1896)*. «CEM – Cultura, Espaço & Memória», n.º 1, p. 25-40.
- RAYMOND, Justinien (2018) — *SORGUE (citoyenne) (CAUVIN Antoinette dite)*. Disponível em <http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/spip.php?article85695&id_mot=44>. Versão disponibilizada em 30 de Março de 2010 e revista a 4 de Abril de 2018. [Consulta realizada em 01/10/2018].
- REVEL, Jacques, org. (1998) — *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- SOUSA, Fernando de, coord. (2013) — *Os presidentes da Câmara Municipal do Porto (1822-2013)*. Porto: CEPES.